

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

TESTE DE UM MODELO PREDITOR DA INTEGRIDADE

Bruno Pereira da Silva

Dissertação orientada por Prof. Doutor António Diniz

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Doutor António Diniz, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673 / 2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006

Agradecimentos

Ao Prof. Doutor António Diniz pela qualidade da orientação pautada pela ímpar disponibilidade, rigor, tolerância e persistência.

Aos idosos que participaram neste estudo capazes de uma partilha tocante na sua generosidade, espessura e franqueza.

A todos os que estiveram presentes, contribuindo para a concretização da tese, na forma de apoio instrumental ou afectivo.

Resumo

Neste estudo apresentamos o processo de construção e validação da Escala de Integridade (EI) com base na teoria eriksoniana relativa ao último estágio do ciclo de vida: integridade/desespero. Testou-se a estrutura factorial da EI (análise factorial confirmatória; *LISREL8-SIMPLIS*), junto de 199 adultos idosos (leque etário: 65-97 anos, $M = 78$), seleccionados através de processos não probabilísticos de amostragem. O modelo unidimensional da escala composto por quatro itens foi integrado num Modelo Preditor da Integridade, considerando como variáveis predictoras: o estado civil, a religião e a posição social. Estas variáveis revelaram-se boas predictoras da Integridade.

Palavras-chave: Integridade, adultos idosos, psicometria

Abstract

This article presents the construction and validation of the *Escala de Integridade (EI)* attending to Erikson's last stage of the psychosocial life cycle theory: integrity/despair. This process led to the test of factorial structure (confirmatory factorial analysis; *LISREL8-SIMPLIS*), resulting from the application of EI to 199 older adults (age range: 65-97 years, $M = 78$), selected through a non probabilistic sampling processes. The one dimensional model with four item was integrated in Integrity Predictor Model considering as predictor variables: marital status, religion and socio-economic status. These variables revealed as good Integrity predictor.

Key-words: Integrity, older adults, psychometric

Introdução

As leis do desenvolvimento criam uma sucessão de potencialidades de interação entre o indivíduo e o meio que, embora variem consoante a cultura, respeitam uma escala e sequência próprias que governam o crescimento da personalidade (Erikson, 1980).

Cada etapa sucessiva é, potencialmente, uma crise dado que há uma mudança radical em perspectiva (Erikson, 1968, 1980). A palavra crise é usada num sentido de desenvolvimento para designar não uma ameaça de catástrofe, mas um ponto decisivo, um período crucial de crescente vulnerabilidade e potencial, e, portanto, a fonte ontogenética da força e do desajustamento generativos (Erikson, 1968). No início da vida dá-se a mudança mais radical: do meio intra-uterino para a vida extra-uterina. Na existência pós-natal também decorrem profundos ajustamentos, como o de permanecer relaxado, adquirir firmeza postural e correr, que deverão sobrevir no seu devido tempo. A par destes ajustamentos a perspectiva interpessoal renova-se, geralmente, rápida e radicalmente, tal como se verifica na célere transformação da atitude de “não perder a mãe de vista” para “o desejo de fazer as coisas sozinho, logo, de ser independente”. Assim, diferentes capacidades tornam-se, a partir de diferentes oportunidades, componentes maduros de uma configuração, sempre em renovação, da personalidade em desenvolvimento (Erikson, 1980).

O princípio orgânico essencial para a fundamentação somática do desenvolvimento psicossocial e psicossocial é a epigénese (Erikson, 1997). O princípio epigenético afirma que tudo o que cresce tem um plano básico a partir do qual se erguem as partes componentes, tendo cada uma delas o seu tempo próprio e especial de ascensão, até que todas tenham sido edificadas para formar um conjunto em funcionamento (Erikson, 1968).

Na sequência de experiências significativas a criança, se adequadamente orientada, vai conformar-se às leis epigenéticas do desenvolvimento que criam uma sucessão de potencialidades de interação significativa com um crescente número de indivíduos e com os costumes que os governam (Erikson, 1997).

A epigénese não significa uma mera sucessão uma vez que também determina certas leis nas relações fundamentais das partes crescentes entre si, de acordo com a tabela:

<Tabela 1>

As células destacadas pela linha dupla, ao longo da diagonal ascendente, demonstram uma sequência de estádios (I, II, III) e um desenvolvimento das partes componentes (1, 2, 3), ou seja, o diagrama formaliza uma progressão através do tempo de uma diferenciação de partes. Tal significa que cada parte (digamos, a 2I), existe (abaixo da diagonal) em alguma forma antes que o seu tempo decisivo e crítico chegue (2II) e permanece sistematicamente relacionada com todas as outras (1 e 3), de modo que todo o conjunto depende do desenvolvimento adequado na sequência ajustada de cada item. Na medida em que cada parte atinge a sua ascendência completa e encontra uma solução duradoura durante o seu estágio, também se espera que esta se desenvolva mais (2III) sob a dominância das ascendências subsequentes (3III) e, sobretudo, que ocupe um lugar na integração de todo o conjunto (1III, 2III, 3III) (Erikson, 1963, 1968, 1980, 1984, 1997).

A existência de um ser humano depende, em todos os momentos, de três processos de organização que devem complementar-se: o processo biológico da organização hierárquica dos sistemas de órgãos que constituem um corpo (*soma*), o processo psíquico que organiza a experiência individual através da síntese do ego (*psique*) e o processo da organização cultural da interdependência dos indivíduos (*etos*) (Erikson, 1997).

Com base nesse desenvolvimento Erikson traçou aquilo a que chamou “as oito idades do homem”.

<Tabela 2>

Na Tabela 2 o “vs.” significa “versus” e também, à luz de sua complementaridade algo como vice-versa, ou seja, os estádios de desenvolvimento do eu não representam polaridades de “ou-ou” mas o balanço, a dialética dessas alternativas (Erikson, 1963, 1997). Para este quadro aplicam-se os princípios já explicitados em cima, o que significa que cada etapa (inclusive a sabedoria) baseia-se em todas as anteriores, enquanto em cada horizontal a maturação desenvolvimental (e a crise psicossocial) de uma dessas virtudes dá novas conotações a todos os outros estádios “inferiores” e já desenvolvidos e, também, aos superiores e ainda em desenvolvimento (Erikson, 1963, 1968, 1980, 1984, 1997).

A teoria de Erikson dos oito estádios de desenvolvimento psicossocial permanece uma das mais conhecidas e citadas teorias do ciclo de vida na literatura científica social (Sugarman, 2001).

Erikson encara o desenvolvimento do ciclo vital como um processo contínuo que se inicia na concepção e só termina na morte. Sublinha com especial enfoque dois aspectos fundamentais, complementares e concomitantes: o desenvolvimento pré-determinado, individual, ontogénico e endógeno; e o desenvolvimento marcado pelos aspectos sócio-culturais, filogenético e exógeno. A influência da teoria psicanalítica na teoria de Erikson, manifesta-se nos primeiros estádios, fase de evolução libidinal, mas aqui conjuga-se igualmente com as fases de evolução do eu (Silva, 2001).

Sintetizando, cada etapa ou fase do desenvolvimento, é vista por Erikson como uma tarefa a desempenhar na conciliação de aspectos de maturação cognitiva, crescimento físico e exigências sociais. Hannah e colaboradores (1996) destacam a perspectiva eriksoniana do desenvolvimento do ego ao longo do ciclo de vida, que cresce e fortalece-se ao ultrapassar os sequentes e hierárquicos estádios. Cada fase representa um momento crítico ou de crise psicossocial, no qual o indivíduo pode atingir o progresso ou a regressão, a integração ou invés cair na estagnação. Esta crise é um período de vulnerabilidade, mas decisivo e necessário. A crise é destacada pela existência de duas posições em conflito, se o sujeito a ultrapassa adquire uma maior capacidade e vitalidade para enfrentar crises futuras, reforçando-se o “eu” com a aquisição de uma virtude, caso não a resolva positivamente pode ocorrer uma regressão a estádios anteriores (Silva, 2001).

A teoria eriksoniana do ciclo de vida oferece um esquema de enorme importância para o estudo do ajustamento satisfatório no processo de envelhecimento.

O último estádio é definido da seguinte forma: “ Só aquele que de alguma forma olhou por coisas e pessoas e se adaptou ele próprio aos triunfos e desapontamentos de Ser, necessariamente, aquele capaz de originar outros e gerar coisas e ideias – só ele pode gradualmente colher o fruto dos sete estádios. Não conheço melhor designação para isto do que *integridade*” Erikson (1980, p.104).

A antítese dominante na velhice e o tema da derradeira crise são designados de integridade vs. desespero. Aqui, o elemento negativo pode parecer mais imediatamente convincente, considerando-se o facto de que a linha mais alta assinala o fim total

(imprevisível no tempo e no tipo) do curso de vida (Erikson, 1968). O traço positivo dominante deste estágio, a integridade, é um sentido de coerência e completude que certamente corre um risco supremo nas condições terminais que incluem uma perda de vínculos nos três processos organizadores: no *soma*, o enfraquecimento geral de todo o corpo, na *psique*, a gradual perda de coerência mnésica da experiência, passada e presente e, no *etos*, a ameaça de uma perda súbita e quase total da função responsável pela interação generativa (Erikson, 1968).

Erikson assinala atributos essenciais desta fase embora aquém de uma definição clara (Erikson, 1980). Considera a integridade como garantia cumulada da propensão do ego para a ordem, o significado e a expressão (Erikson, 1968). É a aceitação pelo indivíduo do seu ciclo de vida, portanto da velhice enquanto estágio final e daqueles que se tornaram significantes na própria existência e da sua insubstituíbilidade enquanto tal, o que significa um novo e diferente amor pelos pais (Erikson, 1968, 1963). De outra forma, aceitar as figuras parentais tal como elas foram, livre do desejo de que fossem diferentes e a assunção da responsabilidade perante a existência pessoal. A integridade implica o conhecimento de que uma vida individual é uma coincidência acidental de um só ciclo de vida com um único segmento de história (Erikson, 1997). O idoso é então capaz de uma integração emocional que permite ter iniciativas de liderança ou aceitar seguir outros nas práticas religiosas e políticas, na vida econômica e tecnológica, no estilo de vida social e nas artes e ciências incluindo uma disponibilidade para a produção – trabalho, coisas e ideias (Erikson, 1963). Este indivíduo anuncia a aptidão para defender a dignidade do estilo de vida pessoal contra todas as ameaças físicas e econômicas (Erikson, 1968) e aceita as contingências da própria existência, triunfos e desapontamentos sem um sentimento excessivo de arrependimento. A manutenção da presença de laços afetivos (mulher/marido-filhos-netos-amigos) consubstancia a integridade (Erikson, 1997), estando a função generativa mais luzente na relação com os netos, que trespassa diversas gerações. A morte tem aqui um indispensável destaque, dado que é a sua proximidade que assinala a temporalidade, finitude e brevidade da vida e obriga a um olhar crítico sobre o desenvolvimento e a existência pessoais. Isto compele a aceitar a morte como fim inevitável de uma vida tão bem vivida quanto foi possível.

Na contraparte negativa, o desespero caracteriza-se por um sentimento de que o tempo é demasiado curto para a realização pessoal, começar de novo ou experimentar rumos alternativos para a integridade (Erikson, 1968). O desespero é geralmente camuflado numa tendência à misantropia bem como na inexistência de ideias construtivas de iniciativa e cooperação. O idoso vive numa angústia permanente aguçada por sentimentos de mal-estar geral, abandono e perda de autonomia. As relações com pessoas/instituições são, mormente, enquistadas e estão presentes atitudes de repulsa e desprezo. A velhice não é aceite e integrada como estágio final e a morte não é encarada como uma fronteira finita estando presente um medo inconsciente da morte (Erikson, 1980, 1968).

Em suma, no último estágio do esquema epigenético de Erikson, o indivíduo tem necessidade de interioridade, de integrar as imagens do passado através da aceitação do sentido vital, de aceitar a mutualidade, tornando-se mais capaz de compreender os outros (Costa, 1990). A integridade do ego, provém não apenas da reflexão sobre o passado mas também dos desafios que o idoso enfrenta no presente, tais como – a actividade política, programas de boa forma, trabalho criativo ou o relacionamento com os netos (Papalia, 2000). O desespero, pelo contrário, expressa o sentimento de que o tempo é curto para recomeçar uma outra vida. A morte não é aceite e, quando não aliada a uma visão de outra vida, há um sentimento enorme de repulsa por si próprio e pelos outros. A sociedade não facilita, também, este período e, muitas vezes, a confrontação com a diminuição de poderes físicos, intelectuais e sociais leva o indivíduo não à integridade, mas ao desespero (Costa, 1990).

A integridade sugere uma exigência peculiar que amadurece a partir do último conflito, a sabedoria. A resolução desta crise potencia a emergência da virtude que é como uma preocupação informada e imparcial com a vida em si diante da morte em si, conforme expresso em antigos aforismos e também potencialmente presente nas mais simples referências a questões concretas e diárias (Erikson, 1968, 1980, 1997). A contraparte antipática da sabedoria é o desdém enquanto sentimento/reacção perante o estado dos outros, no qual se reconhece, cada vez mais abandonado, confuso e desamparado (Erikson, 1997).

Em qualquer estágio a resolução da respectiva crise psicossocial é sempre um balanço ou uma solução de compromisso que desejavelmente deve pender para o pólo positivo. Daí que, na velhice, perspectivar um certo desespero é inevitável, uma vez que as pessoas

precisam lamentar as oportunidades perdidas, os infortúnios, bem como a transitoriedade e vulnerabilidade da condição humana. No final da vida surge uma nova edição da crise de identidade que poderia ser formulada da seguinte forma: “eu sou o que sobrevive de mim” (Erikson, 1968).

Religião

Através de um estudo intercultural Mehta (1977, in Barros, 1999) concluiu que qualquer religião ajuda a enfrentar mais serenamente a velhice. A religião é tida como uma ajuda que dá significado ao envelhecimento e, em conjunto com a espiritualidade, possibilita aos idosos experimentar as suas vidas como plenas de significado, apesar das implicações do envelhecimento para a qualidade de vida. A religião permite ainda continuar o controlo através do significado e paz de espírito quando a capacidade para exercitar outras formas de controlo diminuem (Coleman & O’Hanlon, 2004).

O tempo e energia dispendidos pelos idosos a assistir a serviços religiosos possibilitam um aumento de equilíbrio emocional. À prática religiosa associam-se sentimentos positivos que podem ser induzidos pelo passar pela igreja ou mesmo na simples antecipação da entrada (Coleman & O’Hanlon, 2004).

A religião proporciona a satisfação da necessidade de segurança, de submissão e de respeito para com o transcendente. Os fenómenos institucionais religiosos promovem a pertença a um grupo que significa uma possibilidade de construção de uma identidade social e definem um sistema de relações interpessoais essenciais, sobretudo, para aqueles com horizontes sociais limitados (Simões et al., 2000).

Thorson e Powell (1990) num estudo acerca dos significados da morte e a religiosidade intrínseca, sugerem que a religiosidade é inversamente proporcional à ansiedade face à morte e concluem que na velhice, a ansiedade face à morte é baixa e a motivação intrínseca religiosa é maior. O medo da morte (Erikson, 1963, 1968, 1980,1997) seria então atenuado pela religiosidade. A religião é a mais antiga e duradoura instituição ao serviço da restauração ritual de um sentimento de confiança, na forma de fé, enquanto oferece, simultaneamente, uma fórmula tangível para um sentimento de mal contra o qual promete armar e defender o Homem (Erikson, 1968).

A integridade do ego implica uma integração emocional que permite ter iniciativas de liderança ou aceitar seguir outros nas práticas religiosas, na presença de ideias construtivas de iniciativa e cooperação (Erikson, 1963).

Estado Civil

Considera-se que a continuidade da vida familiar é o maior determinante do bem-estar na velhice, uma vez que a descontinuidade da vida familiar diminui a satisfação com a vida. Por continuidade, entenda-se os que sempre foram solteiros ou casados e, por descontinuidade, os que são viúvos ou divorciados (Rudinger & Thomae, 1990). A grande maioria dos estudos revela correlações positivas entre o bem-estar subjectivo e a condição de casado (Simões et al., 2000).

As relações conjugais assumem para os mais idosos uma importância fulcral. Daí que a morte de um cônjuge represente uma crise difícil para as pessoas idosas, significando diversos tipos de perdas: dos laços emocionais profundos, da principal companhia nas actividades quotidianas e até mesmo perdas económicas (Neto 1999, in Sequeira & Silva, 2002). O que, na sua extensão, poderá implicar a perda do senso de coerência e completude necessárias à integridade (Erikson, 1968, 1997).

Nas culturas individualistas, que valorizam bastante o matrimónio, é mais provável que as pessoas divorciadas ou viúvas sofram, quando comparadas com as casadas, uma vez que o casamento pode ser uma fonte primária de intimidade e de apoio social (Diener 1999, in Simões et al, 2000). Sequeira & Silva (2002), verificaram que os casados revelam um nível de ânimo significativamente mais elevado comparativamente aos viúvos.

No Estudo de Berlin (Smith et al., 2001), as grandes diferenças na satisfação com a vida presente, com a vida passada e com o sentimento global de bem-estar, foram encontradas em pessoas idosas casadas *versus* divorciadas. Em relação às perspectivas de satisfação projectadas no futuro, a maior diferença foi encontrada entre casados *versus* não casados. Estes resultados vão no mesmo sentido de estudos anteriores: pessoas casadas geralmente descrevem um mais alto bem-estar subjectivo do que as pessoas não casadas (Smith et al., 2001). Assim, a perda do cônjuge é considerada como sendo um acontecimento traumático, a mais grave ameaça à saúde, ao bem-estar e à produtividade durante a meia-idade e idade

avançada. Produtividade essa que pode ser equiparada ao termo eriksoniano – generatividade. Logo, ultrapassar com sucesso o período de viuvez é uma característica importante da experiência de envelhecer (Coleman & O’Hanlon, 2004).

Kastenbaum (2000) sustenta que se pode esperar que as pessoas casadas possam experienciar menos ansiedade face à morte, do que as solteiras ou divorciadas. Tendo em conta a referência ao medo inconsciente da morte (Erikson, 1963,1968,1980,1997) prevalente nos idosos que tendem para o pólo dissonante da última crise psicossocial, é possível conjecturar que as pessoas casadas estejam, à partida, em condições mais favoráveis para alcançar a integridade. Rane-Szostak e Herth (1995, in Barros, 1999) salientam que o idoso ao ter a experiência de solidão, sente que não é escutado nem amado por ninguém, ocorrendo uma desvalorização pessoal, reflexo de uma baixa auto-estima, o idoso passa então a desinteressar-se pela vida entrando em sofrimento íntimo e deixando-se morrer aos poucos ou até mesmo atentando contra a própria vida. Representando igualmente ao nível do *etos*, a ameaça de uma perda súbita e quase total da função responsável pela interacção generativa (Erikson, 1997). Essa solidão, pautada pela perda de laços afectivos significativos (mulher/marido-filhos-netos-amigos), pode conduzir o idoso a um estado cada vez mais abandonado, confuso e desamparado (Erikson, 1968), próprios do desespero.

Posição social

O estatuto socio-económico está relacionado positivamente com a satisfação de vida, a felicidade e a auto-estima (Pinquart & Sörensen, 2000). Ou seja, os idosos que possuem mais educação, um estatuto profissional mais elevado e maiores rendimentos apresentam maiores índices de bem-estar.

A educação, como parte integrante da posição social tem correlação com o género, na medida em que altos níveis de educação predizem níveis inferiores de afectividade positiva nos homens, ao passo que nas mulheres tal não se verifica. O contrário acontece relativamente à afectividade negativa que está associada à educação no caso das mulheres, não se verificando o mesmo nos homens (Mroczec e Kolars, 1998, in Simões et al., 2000).

Um estudo de Diener e Fugita (1995, in Simões et al., 2000) relacionou as variáveis recursos, metas pessoais e bem-estar subjectivo, permitindo concluir que os recursos são

melhores preditores do bem-estar subjectivo, quando são relevantes para a conservação das metas fixadas pelos indivíduos. Conservar metas garante ocupação e é conservar um senso de generatividade e continuidade, fiéis à integridade (Erikson, 1997).

Nos idosos pobres, o ciclo de vida dificilmente se distingue de um ciclo de pobreza, em que o que se diferencia não são idades caracterizadas por diferentes papéis, mas idades caracterizadas pelas mesmas necessidades, em criança, jovem ou adulto (Paul, 1991). A posição social influencia directamente o acesso dos indivíduos aos vários recursos que podem ser utilizados para lidar com o stress e, indirectamente, modelando as disposições comportamentais que constituem o reportório de estratégias de confronto dos indivíduos e o desenvolvimento de recursos pessoais adaptativos, que em parte dependem das experiências preparatórias a que o indivíduo está exposto (Paul, 1991). Nas condições terminais que incluem uma perda de vínculos nos três processos organizadores (Erikson, 1997), a pobreza pode potenciar um sentimento de desespero no idoso.

As práticas políticas, a vida económica e *tecnológica*, um estilo de vida social e presença no mundo das artes e ciências caracterizam uma integração emocional (Erikson, 1963) e estão, comumente, associadas à posição social.

O presente estudo

Hannah e colaboradores (1996) concluíram numa investigação que, tal como Erikson afirmara, o desenvolvimento é um processo contínuo no qual o desenvolvimento psicossocial durante as primeiras fases da vida é um pré-requisito para a resolução de conflitos na fase terminal da vida. Webster (2003), no âmbito da construção de uma escala de sabedoria – *SAWS* – concluiu que a generatividade e integridade do ego reflectem aspectos do constructo *sabedoria* e que existe uma relação estatisticamente significativa entre ambas. Com o objectivo de validar empiricamente os principais enunciados eriksonianos acerca do ultimo estágio, Nehrke e colaboradores (1978) procuraram testar a relação entre *locus* de controlo, ansiedade face à morte e satisfação com a vida junto de 120 idosos residentes em lares, centros dia e em domicílio próprio sob cuidados de enfermagem. Os resultados obtidos revelaram-se de acordo com a teoria apenas para os idosos institucionalizados que evidenciaram um *locus* de controlo interno, satisfação com a vida e reduzida ansiedade face à

morte. Os resultados, compreendidos à luz de uma rede complexa de relações entre os constructos, mostram a necessidade de atender à condição de saúde do idoso, a sua independência, bem como, no caso da ansiedade face à morte, à possível dessensibilização dos idosos institucionalizados (Nehrke et al., 1978). Tem sido desenvolvida muita investigação empírica decorrente da teoria eriksoniana visando a operacionalização dos estádios e a mensuração da resolução de cada crise psicossocial. As investigações têm sobretudo explorado a aplicação da teoria a crianças e pessoas jovens. Hannah e colaboradores (1996) refere que a maioria das escalas desenvolvidas para mensurar os estádios eriksonianos referem-se estritamente a um desses estádios, são exemplos disso a *Ego Identity Scale* (Tan et al., 1977, in Hannah et al., 1996), *Identity Status Interview* (Márcia, 1966, in Hannah et al., 1996) e *Ego Integrity Scale* (Goebel & Boeck, 1987, in Hannah et al., 1996) e McAdams (1994, in Hannah et al., 1996) acrescenta que o estádio integridade/desespero é possivelmente o menos estudado de todos.

Atendendo a uma perspectiva mais global da teoria, Rosenthal, Gurney & Moore (1981 in Darling-Fisher & Leidy, 1988) desenvolveram uma escala – *Erikson Psychosocial Stage Inventory* – dedicada aos seis estádios iniciais do desenvolvimento, a cada estádio corresponde uma subescala que comporta doze itens, seis reflectindo o pólo positivo ou a resolução bem sucedida do estádio e seis o pólo negativo. A construção dos itens operou-se através da identificação nos escritos de Erikson de *key words* e frases ilustrativas de cada estádio até ao intimidade/isolamento inclusive. Os 72 itens foram distribuídos aleatoriamente constituindo uma *rating scale* de tipo-*likert* de 5-pontos. A fiabilidade das subescalas situou-se entre .57 e .75. Esta escala foi concebida para a população adolescente australiana e não contempla os últimos estádios generatividade/estagnação e integridade/desespero. Dados estes constrangimentos, Darling-Fisher & Leidy (1988) modificaram esta escala reduzindo para 10 o número de itens por subescala e adicionando 20 novos itens reflectindo os atributos associados aos estádios generatividade/estagnação e integridade/desespero. Estas modificações conduziram à escala – *Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory* – composta, na sua totalidade, por 80 itens. A fiabilidade situou-se entre .78 e .88 para as subescalas e em .97 para a escala inteira o que é bastante indicador da unidimensionalidade do constructo.

A teoria psicossocial de Erikson não tem uma metodologia explícita de investigação, nem oferece definições rigorosas dos seus conceitos que derivam, na essência, da reflexão sobre a prática clínica (Costa, 1991). Nesse sentido os conceitos postulados por Erikson não são precisos e ora se assemelham a estruturas de configuração, ora se apresentam como processos ou ainda como entidades inconscientes (Kroger, 1989, in Costa, 1991). Erikson (1980) refere que cabe aos leitores/investigadores o desenvolvimento teórico e empírico da formulação do último estágio uma vez que considera iniciáticos os seus postulados teóricos.

O objectivo deste trabalho é construir uma Escala de Integridade (EI) com base na teoria eriksoniana que permanece uma das mais citadas teorias do ciclo de vida na literatura científica social (Sugarman, 2001). Tal revela-se igualmente pertinente atendendo à escassez de escalas desenvolvidas para mensurar o último estágio (Hannah et al., 1996; McAdams, 1994, in Hannah et al., 1996) e a necessidade de construir instrumentos de mensuração adaptados à especificidade dos adultos idosos portugueses. No processo de construção da EI obedece-se à teoria eriksoniana efectuando-se a delimitação das ideias-chave de Erikson (1963, 1980, 1984, 1997) e estabelecendo itens em colaboração com um experimentador experiente. Testa-se a validade do constructo e procede-se ao teste de um Modelo Preditor da Integridade, considerando as variáveis estado civil, religião e posição social, operacionalizado através do Quadro de Posições Sociais de De Castro e Lima (1987).

Método

Participantes

Participaram neste estudo 199 indivíduos com idades compreendidas entre os 65 e os 97 anos ($M=78$), seleccionados através de processos não probabilísticos de amostragem (de conveniência, intencional via informantes privilegiados e intencional por *snowball*). A maioria (62,3%) destes tinha 75 ou mais anos. Os participantes eram maioritariamente do género feminino (55,8%), habitantes em meio urbano (87,9%), católicos (85,9%), residentes em domicílio próprio (73,4%) e não eram casados (55,3%). Tomando por base a classificação de De Castro e Lima (1987) a maioria dos sujeitos pertencia ao estrato operário/rural (57,3%), uma parcela significativa (30,7%) à classe média menos instruída, enquanto as classes média mais instruída e superior incluídas representam apenas uma pequena parte (11%) da amostra.

Instrumento

Para construir a EI considerou-se a teoria eriksoniana acerca do último estágio do desenvolvimento psicossocial e os itens foram desenvolvidos em colaboração com um investigador experiente. Para tal, atendendo à validade de conteúdo da EI, efectuou-se a delimitação das ideias-chave de Erikson (1963, 1980, 1984, 1997) que definem os pólos Integridade e Desespero e uma elaboração introdutória de itens à semelhança do procedimento utilizado pelos autores da *Erikson Psychosocial Stage Inventory e Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory* (Darling-Fisher & Leidy, 1988).

Esses itens foram sujeitos a reapreciações com vista à obtenção de itens mais depurados e simples resultando num conjunto de 16 apresentados, no âmbito de um estudo piloto, a oito adultos idosos (quatro de género masculino e quatro de género feminino) de forma a testarmos a compreensibilidade dos mesmos (e forma de resposta). Daqui foi possível observar que enquanto alguns itens eram claros do ponto de vista da compreensibilidade, resultando em respostas diversas, outros implicaram dúvidas na compreensão, aparentemente devido a uma estrutura frásica mais complexa. Os sujeitos referiram preferir o questionário com uma escala de 5 pontos, uma vez que as posições intermédias – concordo parcialmente e discordo em parte – lhes permitia uma colocação na escala mais de acordo com os seus pontos de vista. Todavia, raramente se situaram na escala após a leitura dos itens. Ao invés, exteriorizaram o seu pensamento referindo por exemplo: “*Ah isso para mim não é assim!*”, ou utilizaram as palavras pertencentes à frase para manifestarem de pronto as suas opiniões – ex. item 2 (“Os meus pais foram fundamentais e insubstituíveis para mim”) – a resposta: “*Foram, foram, isso é verdade!*”. Isto revela por um lado que os itens produzem um eco ou uma ressonância interna nos adultos idosos, que obrigam a uma expressão imediata, mas por outro que há uma tendência para pontuar nas extremidades da escala de resposta.

Ainda assim, relativamente à forma de resposta, a EI permaneceu uma *rating scale* de tipo-*likert* de 5-pontos, variando entre “discordo totalmente” (1) e “totalmente de acordo” (5). Quanto à instrução apresentada seguiu-se o modelo de Diniz (2001) com uma introdução simples e geral do tema “com esta prova pretende-se avaliar como é que está a viver a velhice, por outras palavras, como está a decorrer a sua adaptação a esta fase da vida” e de Barros

(1998) para a instrução propriamente dita “por favor responda com sinceridade às afirmações que se seguem, assinalando com um círculo (só um em cada resposta) em volta do número que melhor corresponda à sua situação”. A ordem dos itens obteve-se por recurso a um processo aleatório e posterior verificação da inexistência de problemas de ancoragem na sequência gerada.

Após o estudo piloto houve necessidade de alterar alguns itens (um dos quais “desdobrou-se” originando um outro), e de acrescentar três novos itens resultantes da confirmação empírica de outras investigações (Webster, 2003), incluídos aleatoriamente na escala. Desta feita resultou a versão testada da EI com 20 itens, dos quais 11 estão associados ao pólo Desespero, que devem ser inversamente pontuados, e os restantes à Integridade.

Procedimento

Os questionários foram recolhidos em diversos locais: jardins públicos, praças, centros dia e lares, na zona da Grande Lisboa – Amadora, Odivelas, Marvila, Alvalade, Campo de Ourique, Arroios – bem como no Cartaxo e Abrantes. Através de uma amostragem intencional por recurso a um informante privilegiado, por via de uma Solicitação de Autorização, foi possível aceder aos sujeitos institucionalizados. Quanto aos sujeitos não institucionalizados a amostragem foi de conveniência e intencional de tipo *snowball*. A todos foi garantida a confidencialidade e explicitados os objectivos e temática da investigação.

Os questionários foram hetero-administrados, contornando assim uma eventual incompreensão dos itens – dado que muitos adultos idosos são analfabetos e/ou têm problemas de visão – oferecendo igualmente, nesta presença, um suporte emocional necessário face às temáticas suscitadas. Todavia, tal procedimento acarreta algumas desvantagens, como um maior enviesamento nas respostas fornecidas (Muchielli, 1979). Após o preenchimento da folha de caracterização e satisfeitos os critérios de aplicação – idade igual ou superior a 65 anos e inexistência de depressão ou demência – decorreu a aplicação da escala EI. A decisão sobre a exclusão de adultos idosos alicerçou-se na recolha de informações, os que referiram estar a ser medicados com psicofármacos foram excluídos do presente estudo. No que diz respeito aos adultos idosos institucionalizados, as encarregadas das diversas alas ou sectores foram as primeiras a indicar os sujeitos com melhores

capacidades de resposta. Alguns participantes interromperam o questionário por este se revelar emocionalmente penoso, na maioria dos casos devido à vivência de um processo de luto. O tempo médio de aplicação rondou os 30 minutos.

Relativamente aos itens da EI devem ser assinalados aspectos concernentes à sua compreensibilidade e ao posicionamento na escala de resposta por parte dos adultos idosos. O primeiro item suscitou dúvidas nalguns participantes que, por isso, solicitaram uma segunda leitura do mesmo com uma ligeira alteração simplificativa tornando mais acessível a legibilidade. O item 3 (“Tive pouco tempo para viver a vida”) remetia para um sentimento de que o tempo é curto para se realizarem, no entanto foi entendido muitas vezes no seu sentido literal como tempo cronológico em si e não tempo pessoal/vivido, surgindo respostas como – “*Então não tive tempo? Tenho 82 anos!*” – o que, naturalmente não significa que o sujeito se sintia realizado com o “seu” tempo. No item 8 (“Quando estou em grupo sou eu quem toma a iniciativa”) a palavra iniciativa foi conotada, por muitos adultos idosos, com individualismo do qual procuram distanciar-se visto que lhe atribuem um sentido pejorativo. O item 13 (“A pessoa que sou hoje é mais o fruto de projectos de vida passados do que da influência de outros”) gerou igualmente, pela sua extensão, dificuldades de compreensão. Quando tal ocorreu procedeu-se a uma releitura estandardizada simplificada. Facilitado ou na versão original, o item potenciou respostas concordantes em consonância com a desejabilidade social, uma vez que a ideia de *influência*, aqui mais precisamente *ser-se influenciável*, é socialmente percebida de forma depreciativa. O item 19 (“As pessoas importantes para mim estão muito presentes na minha vida”) remeteu os adultos idosos para uma, imprevista, ampla significação de *presença*. É que para além da dimensão física de presença, os sujeitos incluíram uma dimensão *mnésica-espiritual* – a memória na sua imaterialidade ultrapassa os limites da “pura realidade” – ao referirem, por exemplo, que um cônjuge falecido está continuamente presente em suas memórias, aumentando assim as respostas concordantes com a afirmação.

A aplicação hetero-administrada dos questionários pode constituir um viés, exponenciando a desejabilidade social, e resultar em dados com problemas de multinormalidade, todavia, a hetero-administração permite acrescentar um manancial de informação e vivências que vai para além da escala em si. Senti que ler as afirmações aos

adultos idosos é estar, pela solicitação de uma resposta, a relacionar-me com eles, já que, embora fosse um desconhecido, coloquei-lhes questões/itens profundos muito para lá da conversa banal. Os adultos idosos falam de si, implicam-se e revelam-se em cada resposta. Foram várias as narrativas que acompanharam as respostas aos itens, tão vibrantes de emoção, exemplos da riqueza de um pensamento profundo enraizado na experiência, numa simplicidade autêntica e próxima da verdade pessoal, constituindo uma espécie de inteligência sensitiva ou, simplesmente, sabedoria.

Após a recolha dos dados foram utilizados os programas *SPSS 13.0 for Windows* e *LISREL8-SIMPLIS* (Jöreskog & Sörbom, 1993a,1993b) para efectuar as análises estatísticas deste estudo. Os itens negativamente conotados, presentes na EI (3,5,6,7,10,11,12,14,15,16,18), foram recodificados.

Com os itens que não apresentaram desvios distribucionais grosseiros à curva mesocúrtica, o modelo factorial da EI foi testado, calculando, no *PRELIS2* (Jöreskog & Sörbom, 1993a), a matriz de covariância assintótica das correlações policóricas dos dados obtidos, a qual foi lida e trabalhada pelo *LISREL8-SIMPLIS* (Jöreskog & Sörbom, 1993b). Em virtude da matriz de covariância assintótica necessitar de amostras de grande dimensão, com o *PRELIS2* recorremos à técnica de *bootstrap* para criar as matrizes (Jöreskog & Sörbom, 1993a; Schumacker & Lomax, 1996), considerando 100 amostras de 75% dos casos. Esta técnica de simulação, por amostragem probabilística com reposição, cria uma matriz que é a média das estimativas obtidas pelas n amostras *bootstrap* e uma matriz empírica de covariância das n estimativas *bootstrap*: esta é, muitas vezes, uma melhor estimativa do que a matriz estimada, a partir dos dados originais, via teoria assintótica (Jöreskog & Sörbom, 1993b). Os resultados obtidos a partir das matrizes decorrentes da técnica *bootstrap* foram comparados com os das matrizes calculadas a partir dos dados recolhidos da nossa amostra, optando-se por analisar estes últimos. Utilizou-se o método de estimação por máxima verosimilhança (*ML*), mas com recurso ao *Satorra-Bentler Scaled Chi-Square* ($S-B\chi^2$: Satorra & Bentler, 1994). Este método é apropriado para trabalhar dados com problemas de (multi)normalidade em amostras de média e grande dimensão.

O teste de identidade do modelo foi realizado seguindo uma lógica de “geração de modelos” (Jöreskog & Sörbom, 1993b) e considerando a significância da estatística $S-B\chi^2$ e

os resultados obtidos nos seguintes índices de ajustamento: *CFI* (*Comparative Fit Index*: Bentler, 1990; Hu & Bentler 1998), *RMSEA* (*Root Mean Square Error of Aproximation*: Browne & Cudeck, 1993; Steiger, 1990), *SRMR* (*Standardized Root Mean Square Residual* - versão estandardizada do *RMR* de Jöreskog & Sörbom, 1981) e *ECVI* (*Expected Cross-Validation Index*: Browne & Cudeck, 1993). Os resultados neles obtidos foram tidos interactivamente e em conformidade com os critérios que a seguir se apresentam. A significância do $S-B\chi^2$ foi analisada considerando a divisão do seu valor pelos graus de liberdade (*chi-quadrado relativo*), de forma a torná-lo menos dependente da dimensão amostral. O valor obtido para este *ratio* deve ser menor do que 3.00 para um modelo aceitável (Kline, 1998).

O valor do *CFI*, por convenção, deve ser pelo menos de .90 para que o modelo seja aceitável: valores neste índice iguais ou superiores a .95 são indicadores de modelos bem ajustados (Hu & Bentler 1998). O valor do *RMSEA* deve ser igual ou menor do que .05 para indicar um bom ajustamento do modelo, ou igual ou menor do que .08 para indicar que o modelo está razoavelmente ajustado. Entretanto, Hu e Bentler (1999) sugerem um valor igual ou menor do que .06 neste índice como indicador de um bom ajustamento. Por forma a podermos afinar este diagnóstico, o *LISREL8-SIMPLIS* fornece, ainda, o resultado obtido para o intervalo de confiança (IC) de 90% em torno do valor do *RMSEA* e o resultado obtido para o teste da hipótese desse valor ter uma probabilidade associada menor do que .05, a qual deve ser maior do que .50 para indicar um bom ajustamento (Jöreskog & Sörbom, in Byrne, 1998). Quanto ao *SRMR* deve ser próximo ou menor do que .08. O valor do *ECVI* deve ser inferior ao do *ECVI* para o modelo saturado (*ECVI Msat.*), mas se o valor do limite superior do seu IC de 90% for superior ao *ECVI Msat.* e se o limite inferior desse IC lhe for inferior, isso indica uma razoável aproximação do modelo numa outra amostra da mesma dimensão; se o limite superior do IC de 90% for inferior ao *ECVI Msat.*, isso indica uma boa aproximação nessa amostra. O *ECVI* serve à extrapolação dos resultados do teste de um modelo (quando estimado por MV) para diferentes amostras com a mesma dimensão da testada e à comparação de modelos integrados e não integrados, escolhendo-se aquele que tem o *ECVI* menos elevado. Seguindo a terminologia de Forster (2002), o *ECVI* respeita à precisão

preditiva extrapolativa do modelo enquanto que os restantes índices respeitam à precisão preditiva interpolativa (i.e., dentro do domínio de origem dos dados observados).

Para estabelecer a unidade de mensuração dos factores de primeira ordem no modelo, igualizámos a um (1.00) a carga factorial (coeficiente de regressão não-estandardizado, λ) num dos seus itens; a chamada “variável de referência” do factor (Jöreskog & Sörbom, 1993b). A escala dos factores de primeira ordem ficou, assim, a ser a mesma da dos itens (estes, em razão das correlações policóricas, passaram a possuir uma escala estandardizada: $M = 0.0$, $DP = 1.00$). Note-se que o programa igualiza, por defeito, a variância dos factores de segunda ordem a um (1.00).

Dada a especificação de uma solução de variáveis de referência para o teste do modelo, analisou-se a respectiva solução estandardizada, por forma a apreciar a real magnitude das cargas factoriais (coeficientes de regressão estandardizados, ou pesos β) dos itens no factor. As cargas factoriais estandardizadas serviram também ao processo de validação da EI, que foi completado com o estudo da sua validade convergente e fiabilidade compósita (Fornell & Larcker, 1981).

Sabendo da dependência do coeficiente *alpha* de Cronbach do número de itens que representam os constructos, a precisão dos mesmos foi avaliada através da fórmula $[(\text{SUM}(sl_i))^2]/[(\text{SUM}(sl_i))^2 + \text{SUM}(e_i)]$, utilizada no contexto da AFC (Garson, 1998). Nela, sl_i respeita às cargas factoriais dos itens; e_i respeita aos correspondentes termos de erro (variância estandardizada do erro). Por convenção, a precisão dos constructos deve ser maior do que .70. Nunnally e Bernstein (1994) propõem para níveis de construção de prova (.70) para investigação básica (.80) e para investigação aplicada (.90). Contudo, a inexistência de um critério estável de apreciação desta qualidade métrica, leva a que alguns considerem adequados valores superiores a .60 (Clark & Watson, 1995) sendo importante referir que os resultados devem ser enquadrados em razão do número de itens em estudo (Cortina, 1993). Conjuntamente calculou-se a quantidade de variância dos itens que foi extraída pelo constructo, por convenção, ela deve ser pelo menos de .50 (Fornell & Larcker, 1981). Isso foi feito através da fórmula $[\text{SUM}(sl_i^2)]/[\text{SUM}(sl_i^2) + \text{SUM}(e_i)]$, que é uma variação da anterior (Garson, 1998).

No processo de depuração do modelo (*model trimming*) atendemos à relação entre os resultados obtidos para a quantidade de variância dos itens que se encontrava associada à variância do respectivo factor (coeficiente de determinação; R^2): o R^2 , desejavelmente, deveria ser superior a .50. Assim, quando o R^2 obtido para um dado item era bastante baixo ($R^2 < .15$) e, portanto, pouco preciso ele era apreciado e eliminado mesmo que fosse estatisticamente significativo [$t(263) > 1.96, p < .05$]. Com este procedimento pretendeu obter-se uma versão com uma estrutura factorial que correspondesse aos critérios de validade convergente e de fiabilidade de constructos definidos por Fornell e Larcker (1981). Outro procedimento de análise da qualidade dos itens foi o da inspeção da matriz de resíduos estandardizados e dos índices de modificação fornecidos pelo Lisrel 8.

Quanto ao Teste do Modelo Preditor da Integridade, analisaram-se os resultados obtidos junto da amostra seguindo uma lógica “estritamente confirmatória” (Jöreskog & Sörbom, 1993b). Relativamente às variáveis preditoras foi feita a seguinte operacionalização: a variável “estado civil” foi inicialmente operacionalizada de acordo com (1 = solteiro, 2 = casado, 3 = viúvo, 4 = divorciado, 5 = união de facto), sendo, à posteriori, dicotomicamente recodificada (1 = não casados e 2 = casados); para a “posição social” assumiu-se 1 = classe superior, 2 = classe média mais instruída, 3 = classe média menos instruída, e 4 = estrato operário e rural (De Castro e Lima, 1987); e finalmente, a variável religião tomou o valor 1 = ateus e agnósticos, 2 = católicos não praticantes e 3 = católicos praticantes. Para representar os factores Estado Civil, Posição Social e Religião foi igualizada a zero a variância do erro das respectivas variáveis.

Resultados

Na Tabela 3 podemos observar a distribuição dos resultados nos itens por intermédio da mediana, dos valores máximo e mínimo, da assimetria e da curtose.

<Tabela 3>

Relativamente à mediana, constata-se que alguns itens (2,4,5,6,7,8,13,19,20) apresentam valores extremos. Isto poderá prender-se com o fenómeno de aquiescência (desejabilidade social), isto é, há uma forte tendência para os sujeitos estarem sempre de acordo o que poderá estar ligado à presença do investigador. No que concerne aos valores de assimetria e curtose, o item 20 apresenta igualmente uma distribuição anómala.

Começámos por testar o modelo com os 20 itens e este não estava minimamente ajustado. Iniciámos então um processo de depuração do modelo (*model trimming*) tendo em conta os índices de ajustamento do modelo e os coeficientes de determinação dos itens (R^2) procurando atingir os níveis desejáveis de validade convergente e de consistência interna do factor. Assim, foi excluído o item 2 por não ser estatisticamente significativo [$t(263) < 1.96$, $p > .05$], os itens 1,3,4,7,8,9,10,13,14, 16 e 20 que apresentaram uma fraca precisão para representar o factor ($R^2 < .15$) e os itens 5,11,15 e 19 pela presença de correlações de erro com pares e resíduos muito elevados e negativos (em torno de 10.00). Este processo culminou num modelo final para a EI de quatro itens. Os índices de ajustamento do modelo com e sem *bootstrap* podem ser observados na Tabela 4.

<Tabela 4>

Tendo em conta que as diferenças para os dados relativos à nossa amostra são negligenciáveis, optámos por manter os dados originais ($M2$). Os índices indicam um bom ajustamento do modelo e boa precisão preditiva interpolativa ($SB\chi^2/df < 3.00$, $SRMR < .08$, $CFI > .95$, $RMSEA < .06$, com limite superior do IC de 90% $< .08$), e uma aceitável precisão preditiva extrapolativa para amostras da mesma dimensão da deste estudo ($ECVI$ do modelo saturado no seio do IC de 90% do $ECVI$ do modelo em apreciação).

No que respeita à precisão dos itens para representar o factor, na Tabela 5, pode verificar-se quais os itens com maior e menor quantidade de variância capturada pelo factor (R^2).

<Tabela 5>

Através da inspeção dos valores apresentados constatamos que o item 18 ($R^2 = .88$) (“Não tenho boas relações com a maior parte das pessoas com que lido”) foi o mais preciso para representar a Integridade (maior quantidade de variância capturada pelo factor) e o item 12 o menos preciso ($R^2 = .18$) (“Sou uma pessoa que está mais “no seu canto” do que em convívio com os outros”).

O modelo apresentou problemas de validade convergente (VME = .42), uma vez que o valor obtido é inferior a .50 (Fornell e Larcker, 1981). A consistência interna fixou-se em (.73) que é um valor aceitável atendendo a que Nunnally e Bernstein (1994) indicam para níveis de construção de prova valores superiores a (.70) e ao reduzido número de itens em apreciação (Cortina, 1993). Em suma, o constructo operacionalizado através dos quatro itens da EI afigura-se como estruturalmente limitado para representar bem a Integridade. Novos itens e estudos serão necessários para o desenvolvimento da EI.

Uma vez testada a validade estrutural da EI passou-se ao teste de um Modelo Preditor da Integridade. Na Figura 1 é possível verificar o ajustamento do modelo e a relação das variáveis: estado civil, posição social e religião com o factor Integridade.

< Figura 1 >

Os índices indicam um bom ajustamento do modelo ($SB\chi^2/df < 3.00$, $SRMR < .08$, $CFI > .95$, $RMSEA < .06$, com limite superior do IC de 90% $< .08$, o vector que representa o limite inferior do intervalo de 90% do RMSEA a passar na origem (0.0) e $p(RMSEA < .05) > .50$, o $ECVI < ECVI Msat.$ e o limite superior do IC de 90% $< ECVI Msat.$).

Na Figura 1 podemos observar que existem relações significativas entre as variáveis, o que permite compreender melhor as características singulares da nossa amostra. Concretamente, entre as variáveis “estado civil” e “posição social” [$\phi = -.20$ (.10), $t_{(198)} = -1.98$, $p < .05$], significando que os casados ocupam uma posição social mais elevada. Entre “estado civil” e “religião” [$\phi = -.44$ (.09), $t_{(198)} = -5.10$, $p < .001$], indicando que os idosos não-casados são mais praticantes. E entre as variáveis “religião” e “posição social” [$\phi = .34$ (.09), $t_{(198)} = 3.86$, $p < .001$], revelando que, na nossa amostra, os idosos católicos praticantes

ocupam uma posição social mais baixa. De uma forma geral verifica-se que a nossa amostra apresenta uma justaposição de características no que diz respeito às variáveis em estudo.

Pode verificar-se que a variável estado civil tem uma relação significativa com a “integridade” [$\beta = .47 (.13)$, $t_{(198)} = 3.54$, $p < .001$]. Significa isto que os adultos idosos casados estão melhor posicionados para ultrapassar a crise psicossocial no sentido da “integridade”. Resultado que vai ao encontro da revisão teórica, na qual se salienta que a morte de um cônjuge representa uma crise difícil que implica diversos tipos de perdas: dos laços emocionais profundos, da principal companhia nas actividades quotidianas e até mesmo perdas económicas (Neto 1999, in Sequeira & Silva, 2002), acarretando o comprometimento do senso de coerência e completude necessárias à integridade (Erikson, 1968, 1997). A perda do cônjuge figura a mais grave ameaça à saúde, ao bem-estar e à generatividade durante a meia-idade e idade avançada, funcionando ao nível do *etos*, como uma ameaça de uma perda súbita e quase total da interacção generativa (Erikson, 1997). A solidão é mais comum nos adultos idosos não-casados, pautada pela perda ou inexistência de laços afectivos significativos (mulher/marido-filhos-netos-amigos) pode conduzir o idoso a um estado cada vez mais abandonado, confuso e desamparado (Erikson, 1968). As pessoas casadas experienciam menor ansiedade face à morte Kastenbaum (2000), daí que o medo inconsciente da morte (Erikson, 1963,1968,1980,1997) esteja menos presente e seja menos impeditivo de alcançar a “integridade”.

A posição social tem uma relação marginalmente significativa com a “integridade” [$\beta = -.20 (.11)$, $t_{(198)} = -1.81$, $.05 > p < .10$]. Esta relação de predição significa que os adultos idosos que ocupam uma posição social mais elevada parecem estar em melhor posição de aceder à “integridade”. O que é espectável se atendermos a que o estatuto socio-económico está relacionado positivamente com a satisfação de vida, a felicidade, bem-estar e a auto-estima (Pinquart & Sörensen, 2000). A posição social permite um maior e melhor acesso a recursos que, como salientam Diener e Fugita (1995, in Simões et al., 2000), quando aliados à conservação de metas pessoais promovem o bem-estar subjectivo, metas pessoais essas que se reflectem na ocupação e satisfação no dia-a-dia do idoso, promovem a manutenção de um senso de generatividade e continuidade, fiéis à integridade (Erikson, 1997). Nesse sentido e em natural associação à posição social, um envolvimento em actividade política, práticas na vida económica e tecnológica, caracterizam o idoso que alcançou a integridade (Erikson, 1963). Nas condições terminais, mais comuns na quarta idade, que incluem uma perda de

vínculos nos três processos organizadores (Erikson, 1997), a pobreza pode potenciar um sentimento de desespero no idoso.

A religião é um bom preditor da integridade [$\beta = .28 (.12)$, $t_{(198)} = 2.35$, $p < .05$]. A crença e prática religiosas favorecem a resolução do estágio derradeiro e no conseqüente alcançar da integridade. O medo da morte, como referiu Erikson (1963, 1968, 1980,1997) é atenuado pela religiosidade, o que acabou por ser confirmado empiricamente por Thorson e Powell (1990) num estudo acerca dos significados da morte e a religiosidade que indica que a religiosidade é inversamente proporcional à ansiedade face à morte na velhice. Importa salientar que a religião, sob a forma de ritual, é promotora de um sentimento de confiança na forma de fé, contribuindo para o desenvolvimento de um sentimento de protecção contra as adversidades da vida onde se inclui a morte em si (Erikson, 1968). Praticar uma religião implica a participação em ritos/cerimónias religiosos que permite ter iniciativas de liderança ou aceitar seguir outros, na presença de ideias construtivas de iniciativa e cooperação, reforçando o sentimento de identidade, pertença e manutenção generativa e, desde logo, promovendo a integridade do ego (Erikson, 1963).

Discussão dos Resultados da EI

Consideramos que quatro itens são insuficientes para caracterizar a “integridade” atendendo à abrangência e complexidade do constructo – que se reflectiu num problema de validade convergente – e, como tal, desaconselhamos a aplicação da prova com a presente configuração. Aliás, dois dos quatro itens que compõem o modelo em estudo parecem estar próximos de conteúdos como a satisfação com a vida (dimensão prazer) - (item 17 - “Não tenho gostado da vida que levo”; item 18 - “Tenho os dias bem ocupados com actividades que gosto”), o que neste caso representa metade da prova. Impõe-se considerar esta versão como preliminar e a necessitar de inclusão de novos itens que possam estar mais próximos de abarcar a totalidade do constructo.

Entretanto, aspectos teóricos levantados por Erikson para a caracterização deste estágio não constam na EI, tais como: (1) para o pólo da integridade a aceitação do próprio ciclo de vida e, portanto, da velhice enquanto estágio final, bem como das pessoas significativas na existência, a assunção da responsabilidade perante a história pessoal e aceitação das contingências da própria existência, triunfos e desapontamentos, e a defesa da dignidade do estilo de vida; e (2) para o pólo do desespero, um sentimento do idoso de que o

tempo é curto para se realizar, a não-aceitação de que a velhice é o estágio final e um medo inconsciente da morte. Importante também será desenvolver itens que permitam aferir a qualidade da relação/ligação a outras pessoas, dado que, quando o idoso estabelece relações enquistadas com outros, há um sentimento de mal-estar geral e tem tendência a isolar-se e conseqüentemente a sentir-se abandonado o que o afasta de forma considerável da integridade e o vincula ao desespero.

Convém referir ainda que alguns dos itens que foram excluídos no decurso do processo de depuração do modelo por não terem funcionado como variáveis ou por não serem estatisticamente significativos ou com cargas factoriais baixas, poderão eventualmente funcionar quando apresentados/replicados a uma outra amostra de maior dimensão ou de diferentes características da nossa. Estes resultados devem pois ser considerados como indicadores preliminares, dado os problemas de representatividade da amostra: procedimento não probabilístico de amostragem, amostra de média dimensão, sendo a maioria dos adultos idosos residentes em meio “predominantemente urbano” e não ocorrência de variabilidade quanto ao estatuto sócio-económico. Futuramente, para aferir a adaptação da prova para adultos idosos, é necessária uma amostra com maior dimensão seguindo o caminho apontado pelo teste do modelo com *bootstrap*, e procurando uma melhor correspondência sócio-demográfica com a população (e.g., maior proporção de sujeitos em meio rural e maior variabilidade quanto ao estatuto sócio-económico). Em próximas investigações, no sentido de rastrear ou controlar ao nível amostral a presença de depressão e demência, sugere-se o uso do Inventário de Avaliação Clínica da Depressão (Vaz Serra, 1995) e a versão portuguesa do *Mini-Mental State* (Guerreiro et al., 1994).

Referências

- Barros de Oliveira, J. H. (1998). *Viver a morte: Abordagem antropológica e psicológica*. Coimbra: Almedina.
- Barros, J. (1999). Os Idosos vistos por eles mesmos: Variáveis Personológicas e Representação da Morte. *Psicologia, Educação e Cultura*, vol. Lll, 2, 323-343.
- Bentler, P. M. (1990). Comparative fit indices in structural models. *Psychological Bulletin*, 107, 238-246.
- Browne, M. W., & Cudeck, R. (1993). Alternative ways of assessing model fit. In K. A. Bollen, & J. S. Long (Eds.), *Testing structural equation models* (pp. 136-162). London: SAGE.
- Byrne, B. M. (1998). *Structural equation modeling with LISREL, PRELIS and SIMPLIS: Basic concepts, applications, and programming*. Mahwan, NJ: Erlbaum.
- Clark, L. A., & Watson, D. (1995). Constructing validity: Basic issues in objective scale development. *Psychological Assessment*, 7, 3, 309-319.
- Coleman, P. G. & O'Hanlon, A. (2004). *Ageing and Development*. Arnold: New York.
- Cortina, J. M. (1993). What is coefficient alpha? An examination of theory and applications. *Journal of Applied Psychology*, 78, 1, 98-104.
- Costa, M. E. (1990). Desenvolvimento da identidade. In *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens* (Vol. 2, pp. 251-285). Aveiro: Universidade Aberta.
- Costa, M. E. (1991). *Contextos sociais de vida e desenvolvimento da identidade*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Darling-Fisher, C. S. & Leidy, N. K. (1988). Measuring Erikson development in the adult: The modified Erikson psychosocial stage inventory. *Psychological Reports*, 62, 747-754.
- De Castro, R. V., & Lima, L.C. (1987). Insucesso e selecção social na disciplina de português: O(s) discurso(s) dos professores – uma abordagem interdisciplinar. *Psicologia*, 5(3), 299-310.
- Diniz, A. M. (2001). *Crenças, Escolha de Carreira e Integração Universitária*. Dissertação de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga.
- Erikson, E. H. (1963). *Childhood and society*. New York: Norton.
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crises*. New York: Norton.

- Erikson, E. H. (1980). *Identity and the life cycle. Extended version*. New York: Norton.
- Erikson, E. H. (1984). Reflections on the last stage – and the first. *Psychoanalytic Study of the Child*, 39, 155-166.
- Erikson, E. H. (1997). *The life cycle completed*. New York: Norton.
- Fornell, C., & Larcker, D. F. (1981). Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*, 18 (1), 39-50.
- Forster, M. R. (2002). Predictive accuracy as an achievable goal of science. *Philosophy of Science*, 69, 124-134.
- Garson, G. D. (1998). *Structural equation modeling*. Retrieved February 12, 2006 from www2.chass.ncsu.edu/garson/pa765/structur.htm
- Guerreiro, M., Silva, A.P., Botelho, M.A., Leitão, O., Castro-Caldas, A., & Garcia, C. (1994). Adaptação à população portuguesa da tradução do *Mini-Mental State Examination (MMSE)*. *Revista Portuguesa de Neurologia*, 1, 9-10.
- Hannah, M. T., Domino, G., Figueredo, A. & Hendrickson, R. (1996). The prediction of ego integrity in older persons. *Educational and Psychological Measurement*, 56(6), 930-950.
- Hu, L.-T., & Bentler, P. M. (1998). Fit indices in covariance structure modeling: Sensitivity to underparametrized model misspecification. *Psychological Methods*, 3 (4), 424-453.
- Hu, L.-T., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indices in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6 (1), 1-55.
- Jöreskog, K. G., & Sörbom, D. (1981). LISREL V: Analysis of linear structural relationships by the method of maximum likelihood. Chicago, IL: National Educational Resources.
- Jöreskog, K.G., & Sorbom, D. (1993a). *PRELIS2: User's reference guide*. Chicago: Scientific Software.
- Jöreskog, K.G., & Sorbom, D. (1993b). LISREL8: *Structural equation modeling with the SIMPLIS command language*. Chicago: Scientific Software.
- Kastenbaum, R. (2000). Death anxiety. In G. Fink, (Ed.), *Encyclopedia of stress* (Vol.1, pp. 645-651). Arizona: Academic Press.
- Kline, R. B. (1998). *Principles and practice of structural equation modeling*. New York: Guilford Press.

- Mucchielli, R. (1979). *Le questionnaire dans l'enquête psycho-sociale* (6eme. éd., rev. et augm.). Paris: Enterprise Moderne d'Édition, Librairies Techniques et Les Éditions E S F.
- Nehrke, M. F., Bellucci, G. & Gabriel, S. J. (1978). Death anxiety, locus of control and life satisfaction in the elderly: Toward a definition of ego-integrity. *Omega*, 8 (4), 359-368.
- Nunnally, J. C., & Bernstein, I. H. (1994). *Psychometric theory* (3rd ed.). New York: McGraw-Hill.
- Papalia, D. E. & Olds, S. W. (2000). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artemed Editora.
- Paúl, M.C. (1991). *Percursos pela Velhice: Uma perspectiva ecológica em Psicogerontologia*. Dissertação de Doutoramento, Universidade do Porto, Porto.
- Pinquart, M., & Sörensen, S. (2000). Influences of socioeconomic status, social network, and competence on subjective well-being in later life: A meta-analysis. *Psychology and Aging*, 15 (2), 187-224.
- Rudinger, G., & Thomae, H. (1990). The Bonn longitudinal study of aging: Coping, life adjustment, and life satisfaction. In P.B. Baltes, & M.M. Baltes (Eds.), *Successful aging: Perspectives from the behavioral sciences* (pp. 265-295). Cambridge University Press: New York.
- Satorra, A., & Bentler, P. M. (1994). Corrections to test statistics and standard errors in covariance structure analysis. In A. von Eye, & C. C. Clogg (Eds.), *Latent variable analysis* (pp. 399-419). Thousand Oaks, CA: SAGE.
- Schumacker, R. E., & Lomax, R. G. (1996). *A beginner's guide to structural equation modeling*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Sequeira, A. & Silva, M. (2002). O bem-estar da pessoa idosa em meio rural. *Análise Psicológica*, 3, XX, p. 505-516.
- Silva, I. (2001). O desenvolvimento psicossocial dos estudantes do ensino superior: O modelo de Erikson e Marcia a propósito da construção de identidade. *Aprender*, 25, 121-126.
- Simões, A., Ferreira, J., Lima, M., Pinheiro, M., Vieira, C., Matos, A. & Oliveira, A. (2000). O bem-estar subjectivo: Estado actual dos conhecimentos. *Psicologia, Educação e Cultura*, IV, p. 243-279.

- Smith, J., Fleeson, W., Geiselman, B., Settersten Jr, R.A., & Kunzmann, U. (2001) Sources of well-being in very old age. In P.B. Baltes, & K.U. Mayer (Eds.), *The Berlin Aging Study – Aging from 70 to 100* (pp. 450-471). Cambridge University Press New York.
- Steiger, J. H. (1990). Structural model evaluation and modification: An interval estimation approach. *Multivariate Behavioral Research*, 25(2), 173-180.
- Sugarman, L. (2001). *Life-span developmentt: Frameworks, accounts and strategies*. New York: Psychology Press.
- Thorson, J. A., & Powell, F. C. (1992). A Revised Death Anxiety Scale. *Death Studies*, 16, 507-521.
- Vaz Serra, A.(1995). *IACLIDE: Inventário da Avaliação Clínica da Depressão*. In L.S. Almeida, M.R. Simões, & L.S. Gonçalves (Eds.). *Provas Psicológicas em Portugal*. Braga: APPORT.
- Webster, J. D. (2003). An exploratory analysis of a self-assessed wisdom scale. *Journal of Adult Development*, 30 (3), 13-22.

Tabela 1. *Diagrama epigenético*

	Parte 1	Parte 2	Parte 3
Estádio III	1III	2III	3III
Estádio II	1II	2II	3II
Estádio I	1I	2I	3I

Legenda: adaptado de Erikson (1997).

Tabela 2. *Crises psicossociais*

VIII Velhice								Integridade vs. Desespero SABEDORIA
VII Idade Adulta							Generatividade vs. Estagnação CUIDADO	
VI Idade Adulta Jovem						Intimidade vs. Isolamento AMOR		
V Adolescência					Identidade vs. Confusão de Identidade FIDELIDADE			
IV Idade Escolar				Indústria vs. Inferioridade COMPETÊNCIA				
III Idade do Brincar			Iniciativa vs. Culpa PROPÓSITO					
II Primeira Infância		Autonomia vs. Vergonha, Dúvida VONTADE						
I Período de Bebê	Confiança Básica vs. Desconfiança Básica ESPERANÇA							
	1	2	3	4	5	6	7	8

Legenda: adaptado de Erikson (1997).

Tabela 3. *Análise da Distribuição dos Resultados nos Itens para E.I.*

Itens	<i>Mdn</i>	Mín.	Máx.	Assimetria	Curtose
Item 1	4.00	1.00	5.00	-.95	-.46
Item 2	5.00	1.00	5.00	-1.23	-.23
Item 3	2.00	1.00	5.00	.16	-1.71
Item 4	1.00	1.00	5.00	.73	-1.26
Item 5	1.00	1.00	5.00	.75	-1.33
Item 6	1.00	1.00	5.00	1.70	1.45
Item 7	5.00	1.00	5.00	-.72	-1.31
Item 8	1.00	1.00	5.00	.53	-1.46
Item 9	4.00	1.00	5.00	-1.30	.52
Item 10	4.00	1.00	5.00	-.61	-1.42
Item 11	2.00	1.00	5.00	.20	-1.82
Item 12	4.00	1.00	5.00	-.25	-1.72
Item 13	5.00	1.00	5.00	-1.76	2.15
Item 14	4.00	1.00	5.00	-.15	-1.74
Item 15	2.00	1.00	5.00	.23	-1.80
Item 16	3.00	1.00	5.00	-.05	-1.86
Item 17	4.00	1.00	5.00	-.63	-1.31
Item 18	2.00	1.00	5.00	.24	-1.67
Item 19	5.00	1.00	5.00	-1.87	1.95
Item 20	5.00	1.00	5.00	-2.16	2.95

Tabela 4. Índices de ajustamento dos modelos

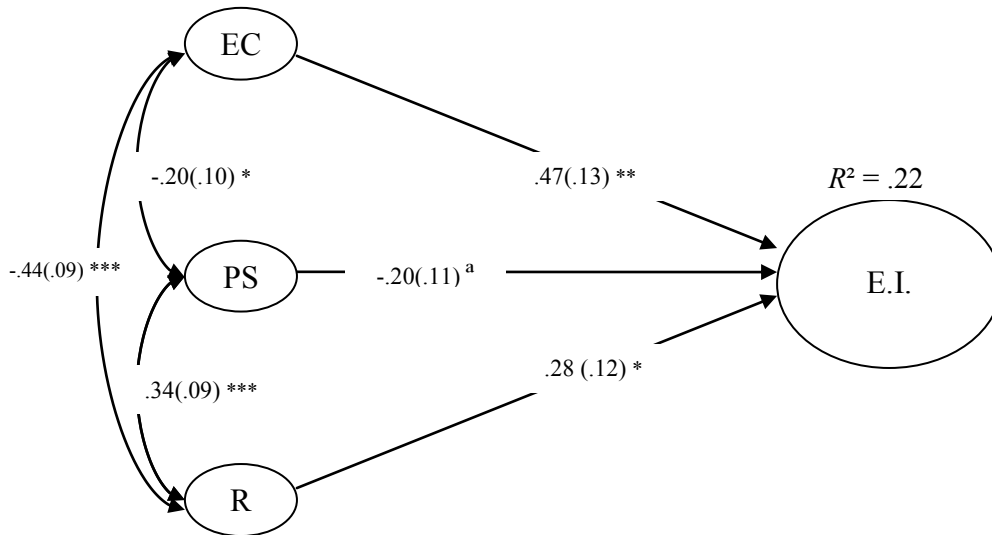
Modelo	Método	χ^2/gl (ratio)	SRMR	CFI	RMSEA ($p < .05$)	IC 90% RMSEA	ECVI	IC 90% ECVI	ECVI Msat.
<i>M1</i> <i>bs</i>	<i>ML</i> S-B χ^2	1.37/2 (.685)	.037	.99	.00 (.58)	.00 ; .018	.18	.18 ; .25	.20
<i>M2</i> <i>sbs</i>	<i>ML</i> S-B χ^2	2.53/2 (1.27)	.040	.98	.037 (.44)	.00 ; .015	.094	.091 ; .14	.10

Legenda. IC = intervalo de confiança; Msat. modelo saturado; *bs* = bootstrap; *sbs* = sem bootstrap/dados originais.

Tabela 5. *E.I.: itens, cargas factoriais e coeficientes de determinação*

Itens	CF	R^2
Item 6	.53	.28
Item 12	.43	.18
Item 17	.59	.35
Item 18	.94	.88

Legenda: CF = cargas factoriais estandardizadas; R^2 = coeficientes de determinação.



Ratio $S-B\chi^2/df = 8.89/11 (.81)$, $SRMR = .043$, $CFI = .97$
 $RMSEA = .00$, IC de 90% = .00 ; .063, $p (RMSEA < .05) = .89$
 $ECVI = .23$, IC de 90% = .23 ; .27, $ECVI$ modelo saturado = .28

Legenda: EC = Estado civil; PS = Posição Social; R = Religião; setas de sentido único = relações de predição

(termos de erro); * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$, ^a $.05 > p > .10$.

Figura 1. Teste do Modelo Preditor da Integridade

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



TESTE DE UM MODELO PREDITOR DA INTEGRIDADE

Bruno Pereira da Silva

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Anexo

Estádios do desenvolvimento psicossocial de Erikson

Supre a presente revisão de literatura, numa lógica de complementaridade relativamente à que introduz o nosso estudo, uma sumária explanação daqueles que são os estádios do desenvolvimento psicossocial de Erikson que precedem, com consequência na qualidade de resolução, o estágio intitulado integridade versus desespero que presidiu esta investigação, bem como, considerações de carácter geral acerca do envelhecimento que não puderam, dada a organização parcimoniosa que rege um artigo, constar inicialmente.

I Estádio – Período de Bebê – Confiança vs. Desconfiança Básica

O primeiro estágio concentra-se na aquisição, no decorrer das experiências do primeiro ano de vida, de um sentimento de confiança básica em relação a si-próprio e ao mundo em oposição à desconfiança (Erikson, 1963, 1968). O desenvolvimento baseia-se, em parte, nas experiências orais da primeira infância descritas por Freud, em que a relação com a mãe se processa fundamentalmente através da boca numa atitude receptiva ao que lhe é oferecido. Através de uma interação mútua, entre a mãe e a criança, desenvolve-se um sentido rudimentar do eu, de identidade. A relação com a mãe representa para a criança o primeiro contacto com as modalidades da cultura e suas regras educacionais próprias (Erikson, 1963, 1968, 1980).

Progressivamente, a capacidade de exploração activa da criança desenvolve-se e a sua atitude social passa a ser a de apoderar-se e segurar coisas. Neste período ocorre uma coincidência temporal de três características: o impulso mais violento para incorporar (nascimento dos dentes), a consciência crescente de que é uma pessoa distinta e o gradual afastamento da mãe (Erikson, 1963).

A confiança básica desempenha um papel crucial para a reestruturação do eu e o desenvolvimento da identidade enquanto a desconfiança básica é o principal desencadeador de perturbações psicológicas graves (Erikson, 1980). A resolução desejável desta crise da infância é o balanço dinâmico entre os dois pólos, o que permitirá a emergência de um sentido do eu como um fundamento elementar para a identidade na adolescência (Erikson, 1968).

O sentimento de confiança, em si e nos outros, a capacidade de se sentir idêntico e distinto são os resultados esperados desta crise de desenvolvimento que vai ter repercussão

nos períodos seguintes. O equilíbrio entre a confiança básica e a desconfiança possibilitará ao indivíduo uma melhor adaptação ao meio graças a uma menor credibilidade e ingenuidade (Erikson, 1980).

II Estádio – Primeira Infância – Autonomia vs. Vergonha/Dúvida

O sentido de autonomia caracteriza-se pela capacidade crescente da criança de controlar as suas funções corporais e pela expressão de competências motoras e de linguagem (Erikson, 1963, 1968). A criança cresce, inicia progressivamente comportamentos de exploração do mundo, aprende que pode dominar o seu corpo e a explorá-lo sem medo. A retenção e a eliminação são a primeira oportunidade da criança para exercer controlo sobre si e o exterior, para responder aos desejos dos pais e aos seus próprios desejos (Erikson, 1963, 1968).

A capacidade de locomoção e a linguagem permitem uma maior autonomia à criança, um sentido de ser capaz, a capacidade de dizer “eu”, “tu”, “meu” e “não” para melhor exprimir os seus desejos, o que lhe dá um sentimento de autodomínio sem perda do amor próprio e é a fonte ontogenética de um sentimento de livre arbítrio (Erikson, 1980).

Da capacidade de auto-controlo (sem perda de auto-estima) advém a autonomia e orgulho, enquanto que a incapacidade para o auto-controlo e o super controlo parental resultam em sentimentos de vergonha e dúvida. A vergonha advém da consciência de se estar exposto e ser observado que, por sua vez, conduz à auto-consciência (Erikson, 1980).

A sociedade, por vezes, não facilita à criança a responsabilização adaptada às suas capacidades que permite aumentar a sua confiança e gera, assim, sentimentos de inferioridade que se arrastam ao longo do desenvolvimento do indivíduo (Erikson, 1963)

Torna-se então essencial alcançar o balanço dinâmico entre as duas vertentes: autonomia vs. dúvida e vergonha, agentes essenciais para o desenvolvimento do indivíduo independente, responsável e para a constituição de uma moralidade (Erikson, 1968).

III Estádio – Idade do Brincar – Iniciativa vs. Culpa

O brincar na infância é a génese de todas as actividades recreativas futuras. A fase fálica corresponde, na teoria psicossexual de Freud, ao período em que a criança, a partir de uma maior capacidade de locomoção, alarga o seu raio de acção, explora o mundo em seu

redor e é capaz de uma maior compreensão das coisas (Erikson, 1968, 1980, 1997). A curiosidade e a imaginação não se restringem à área sexual, mas ao mundo das coisas e das pessoas (Erikson, 1980).

No período das implicações edípicas de culpabilidade que limitam sobejamente a iniciativa no relacionamento da criança com as figuras parentais, o amadurecimento do brincar liberta a criança para uma dramatização de um vasto número de identificações e actividades imaginadas (Erikson, 1968).

Esta idade ocorre antes do advento limitante da idade escolar, com papéis de trabalho definidos, e da adolescência, com um experimentar de potenciais de identidade. Como génese da recreatividade também neste período se fundamenta o sentido de humor, fundamental para superar as diversas crises do ciclo de vida (Erikson, 1968, 1997).

A inibição é a contraparte antipática da iniciativa, resultado do estabelecimento de um sentimento moral e autocrítica, uma contraparte que embora sendo necessária, pois a criança aprende a adequar as suas acções aos limites sociais e culturais impostos e a estabelecer directrizes no sentido do que é possível, pode porém desencadear a patologia nuclear enraizada no conflito edipiano (Erikson, 1968, 1997).

IV Estádio – Idade Escolar – Indústria vs. Inferioridade

A idade escolar coincide com o que a psicanálise designa por período de latência marcado por uma certa dormência da sexualidade infantil e uma procrastinação da maturidade genital. Nesta etapa a criança é submetida ao método de escolarização disponibilizado pela sociedade e aprende os princípios técnicos e sociais de uma situação de trabalho (Erikson, 1968).

A crise psicossocial deste período designa-se indústria vs. inferioridade, sendo a indústria uma capacidade para desempenhar competentemente actividades adaptadas às leis do mundo instrumental que envolve planeamento e esquematização. A criança aprende a amar o aprender e o brincar e a desenvolver as competências próprias de uma sociedade de produção. A *antítese* de indústria é um sentimento de inferioridade que pode ajudar a impulsionar os melhores trabalhadores ou a paralisar os piores. Como patologia nuclear deste estágio a inferioridade inclui um conflito decisivo que pode conduzir a criança à competição excessiva ou induzi-la a uma regressão ao conflito edípico (Erikson, 1963, 1980, 1997).

A força rudimentar que se desenvolve neste estágio é a competência que consiste na capacidade de integrar métodos de trabalho, de verificar e controlar a factualidade e de

compartilhar a realidade daqueles que cooperam na mesma situação produtiva. A contraparte antipática da indústria que pode representar uma patologia central neste estágio é a inércia que ameaça constantemente paralisar a vida produtiva do indivíduo e, naturalmente, está decisivamente relacionada com a inibição da idade precedente, a do brincar (Erikson, 1963, 1980, 1997).

V Estádio – Adolescência – Identidade vs. Confusão de Identidade

A possibilidade dos comprometimentos do jovem adulto depende muito do resultado da luta adolescente pela identidade. Os padrões básicos de identidade emergem necessariamente da (1) afirmação ou recusa selectiva das identificações infantis do indivíduo e (2) da forma pela qual o processo social da época identifica e reconhece os seus jovens indivíduos (Erikson, 1963, 1980, 1997).

A *antítese* da identidade é a confusão de identidade, uma experiência normativa e necessária que pode tornar-se numa perturbação central. Um sentido global de identidade ajusta gradualmente a multiplicidade de diferentes auto-imagens experienciadas no decurso da infância – que são neste estágio recapituladas dramaticamente – e permite a selectividade das oportunidades para experimentar papéis sociais diversos. A adolescência acolhe um certo sentido de existência, mesmo que fátuo, e preocupações existenciais que só amadurecem na velhice, tal como um interesse apaixonado pelos valores ideológicos religiosos, políticos e intelectuais (Erikson, 1963, 1980, 1997).

A força específica que emerge na adolescência é a fidelidade, intimamente ligada à confiança infantil e à fé madura. A necessidade de orientação das figuras parentais é transferida para mentores e líderes e a fidelidade é expressa na ávida aceitação de uma ideologia militante ou simplesmente no “modo de vida”. A contraparte antipática da fidelidade é o repúdio de papel, um impulso activo e selectivo de separar papéis e valores que parecem adequados na formação de identidade daquilo que o indivíduo considera estranho ao *self* e em relação ao qual deve resistir e lutar (Erikson, 1963, 1980, 1997).

A adolescência pode ser vista como uma moratória psicossocial, um período de maturação sexual e cognitiva que permite protelar o comprometimento definitivo e proporcionar uma liberdade de experimentação de papéis, incluído os papéis sexuais, aspectos significativos para uma indispensável renovação da sociedade (Erikson, 1963, 1980, 1997).

VI Estádio – Idade Adulta Jovem – Intimidade vs. Isolamento

Neste estágio a intimidade em questão é a capacidade do indivíduo comprometer-se com associações concretas que podem exigir sacrifícios e compromissos significativos. A intimidade implica comunicação, partilha da identidade e pode existir nas relações de amizade, amor e união sexual (Erikson, 1980, 1997).

A *antítese* psicossocial da intimidade é o isolamento sob o medo de permanecer separado e não reconhecido e aqui reside potencialmente o maior perigo, um reviver regressivo do conflito de identidade. A partir da resolução do conflito emerge o amor que permite uma dedicação relacional recíproca. A *tendência* negativa para a intimidade e o amor é a exclusividade que está, na forma e na função, bastante ligada à rejeição que emerge na idade adulta posterior. Certa exclusividade torna-se essencial para a intimidade, todavia aquela pode tornar-se extremamente destrutiva para os outros e o próprio (Erikson, 1997).

Uma relação íntima pode existir mesmo na ausência física do(a) companheiro(a), assim como o isolamento pode existir mesmo na presença em que ambos parecem proteger-se da necessidade de fazer face à próxima crise de desenvolvimento: a generatividade (Erikson, 1963). O balanço entre os dois pólos manifesta-se na capacidade de estar só, sentindo a segurança de uma relação íntima (Erikson, 1968).

VII Estádio – Idade Adulta – Generatividade vs. Estagnação

A generatividade inclui procriatividade, produtividade e criatividade e, nessa medida, a geração de novos seres, novos produtos e ideias. O indivíduo tem de dar e ensinar, de orientar a geração seguinte e contribuir para o seu bem estar presente e futuro, de investir na sociedade em que está inserido. A estagnação assinala a patologia nuclear potencial deste estágio, envolvendo regressão a conflitos antecedentes (Erikson, 1980, 1997).

A estagnação não é estranha mesmo àqueles que são extremamente criativos e produtivos tornando-se, no entanto, avassaladora para os que não estão envolvidos em questões generativas (Erikson, 1968). A virtude que emerge do conflito é o cuidado – um cuidado sob a forma de compromisso – das pessoas, dos produtos e ideias. Se o cuidado é a expressão de uma *tendência positiva* vital a rejeição é a face *negativa* dessa tendência e caracteriza-se pela relutância em incluir pessoas ao nível da preocupação generativa (Erikson, 1968, 1980, 1997). Também aqui uma tendência não exclui a outra, na medida em que não é possível ser-se generativo e cuidadoso sem uma certa rejeição que garanta selectividade (Erikson, 1997).

As ritualizações predominantes neste estágio são as geracionais que promovem o adulto enquanto modelo para as gerações seguintes, firmando papéis e estatutos adquiridos

socialmente. Estão aqui incluídas ritualizações auxiliares como a parental, a didáctica, a produtiva e a cuidadora. A responsabilidade e autoridade naturais do adulto imprescindíveis na vida familiar e laboral redundam potencialmente num ritualismo nefasto – o autoritarismo (Erikson, 1968, 1997).

O término deste estágio remete para o principiar de outro, o oitavo e derradeiro, ao qual Erikson atribui a designação de integridade versus desespero. Este constituiu o cerne da nossa investigação e, como tal, justificou uma exposição na revisão de literatura pelo que nos abstemos de enunciados acerca do mesmo, previsivelmente repetitivos.

Após uma revisão das principais críticas tecidas à teoria disporemos algumas considerações gerais acerca do envelhecimento que visam enriquecer a perspectiva eriksoniana, no momento em que acrescentam: o interessante apontamento de que o ciclo de vida humano é abordado desde a antiguidade clássica, referências teóricas de outros autores, a velhice descrita na primeira pessoa, assim como, um retrato socio-demográfico ajustado à nossa população.

Perspectiva crítica

Guntrip (1971, in Costa, 1991) salienta que embora a teoria de Erikson seja baseada na importância da interacção indivíduo/meio social não chega a afastar-se da teoria de Freud dado que valoriza o mecanismo biológico e instintivo.

Globalmente, a teoria é considerada por muitos autores como conservadora, na medida em que valoriza o conformismo com o *status quo* e o etnocentrismo da civilização ocidental, ou demasiado radical e crítica do capitalismo e carácter americano (Roazen, 1980 in Costa, 1991). Logan (1983, 1986 in Costa, 1991) refere que a teoria carece de uma reconceptualização dado que a sociedade contemporânea, dominada pela produção e trabalho, passou a valorizar o prazer e o lazer e, concomitantemente, a necessidade de satisfação actual. Assim, segundo o autor, a identidade instrumental e produtiva é hoje refém de uma maior tendência ao consumo, tal como parece ter diminuído a importância do sentido de continuidade e história (tradição familiar e sociedade) na medida em que o indivíduo valoriza hoje mais a sua existência ancorada no presente, hedonista. Desta feita, completa, a identidade existencial suplanta a identidade instrumental.

Para alguns é hipervalorizadora da severidade da crise de identidade e dos seus benefícios para o desenvolvimento psicossocial (Costa, 1991). Claes (1985, in Costa, 1991)

refere uma análise de estudos realizados no estágio da adolescência em que somente 20% dos adolescentes vivenciaram um período de crise como definido por Erikson.

A formulação eriksoniana sobre a identidade feminina é também criticada dado que aparenta estar apenas baseada em factores biológicos (Costa, 1991). Caplan (1979, in Costa, 1991) contesta empiricamente a valorização de espaço interior na mulher, enquanto Gilligan (1982 in Costa, 1991) aponta uma contradição na teoria que defende que para a aquisição da intimidade é necessário ter resolvido com sucesso a crise de identidade e, no entanto, refere que a identidade na mulher só acontece quando encontra um companheiro “bem vindo ao espaço interior”. Isto torna-se ainda mais contraditório quando na sociedade actual se verifica que muitas mulheres investem primeiramente na vida profissional como um factor fundamental na sua identidade.

A teoria de Erikson é assim considerada sexista, pois parece ter tido em conta apenas o desenvolvimento do homem, sendo talvez necessário fazer algumas alterações para tornar a teoria válida para ambos os sexos (Kegan, 1982 in Costa, 1991).

Considerações acerca do envelhecimento

“Acontece com a velhice o mesmo que com a morte. Alguns enfrentam-nas com indiferença, não porque tenham mais coragem do que os outros, mas porque têm menos imaginação.”

(Marcel Proust, 2005)

Algumas sociedades codificaram o ciclo de vida humana definindo e concedendo um nome às sucessivas idades, transfigurando um lapso de tempo contínuo em períodos descontínuos. Desde as sociedades da antiguidade clássica, que transmitiram valores ao Renascimento e cultura popular, que num jogo de simetrias, de semelhanças e contraposições se procura estabelecer um padrão ao universo. Na cultura da antiga China esse jogo simétrico

está patente na importância que a ordem numérica aí detinha, o sete e o oito codificavam, respectivamente, as etapas ou o ciclo de vida da mulher e do homem (Nicole, 1997).

Nas sociedades ditas primitivas são os ritos que assinalam, por exemplo, a entrada na vida adulta, sendo raros enquanto cerimónias que marcam a passagem para a velhice. A velhice e a morte enquanto experiências geradoras de angústia são *acolhidas* pelos mitos na procura de neutralizar a angústia e simbolizar o indecifrável. A velhice constitui uma experiência simultaneamente tão estranha e familiar como a morte e, talvez por isso, tenha algo de impensável ao nível da experiência e conceptualização ou, na expressão de Sartre, de irrealizável (Nicole, 1997). Os vivos nunca compreenderam a fundo a morte, esse conceito obscuro que se foi construindo em torno da morte, do envelhecimento, da agonia e do cadáver do homem (Urbain, 1997). A decomposição, a tanatomorfose é motivo de horror e medo. Como tal, o Homem procura não se confrontar com o inominável, concebendo três processos para suprimir a imagem da decomposição: destruir, dissimular, ou conservar o cadáver. O medo da decomposição não é mais que o medo de perder a individualidade (Morin, 1970, in Urbain, 1997). Refere Urbain que é pois contrariando a morte enquanto vazio/finitude brutal que surge o mito, o rito representando processos mágicos para transfigurar a crueldade do evento. Actualmente, o morrer é mantido oculto e apenas entrevisto, quase irreal, mascarado pelos *media* e as instituições. A fuga e a negação surgem assim como os dois principais mecanismos de lidar com a morte na sociedade contemporânea. Contudo, “fugir da morte” não faz desaparecer as angústias, antes reforça-as, amplia-as. A dor da morte de outrem, ou da perspectiva da própria morte, é uma dor reprimida e não partilhada. Falar da morte é um desafio (que necessita ser aceite), tentativa de nomear o inominável, produzir conceitos, signos que substituem o nada. É desta oportunidade inconcedida, a de comunicar o seu morrer, que os moribundos, interrogados por Kubler-Ross (1996), se lamentam.

De acordo com Leff (1999) alguns autores em trabalhos não experimentais referem que conforme a idade se eleva aumenta a ansiedade diante da morte, dada a consciência de finitude. Uma posição diferente têm Newman e Newman (em Neves, 1996), na velhice as pessoas tendem a pensar mais na morte mas a ansiedade perante esta é menor. Barros (2002), numa investigação sobre a ansiedade face à morte, conclui que o sexo feminino tende a ser mais ansioso e que são os adolescentes e os idosos que manifestam maior ansiedade face à morte. Noutra investigação, Barros (1999) conclui que entre os idosos mais velhos e mais novos não existem diferenças quanto à personalidade, e que predominam as respostas positivas a respeito do morrer e da morte. Munnich (em Neves, 1996) ao elaborar um estudo

sobre as atitudes dos idosos face à morte, observa que a pequena percentagem de sujeitos com atitudes negativas face à morte revelam uma personalidade imatura. Apesar das discordâncias teóricas, Kastenbaum (2000) refere que a investigação recente demonstra que a compreensão da capacidade individual de lidar com o stress durante a vida requer atenção à forma como os indivíduos se relacionam com a mortalidade.

Relativamente ao lugar que os idosos ocupam na sociedade, Nicole (1997) salienta que num primeiro momento da história da humanidade, teriam sido considerados inúteis e um peso para o grupo social e que, num momento ulterior, ter-se-ia em conta a sua sabedoria adquirida pela experiência e ter-se-ia manifestado honra e respeito aos velhos. Ambas as atitudes coexistem na grande maioria das sociedades até porque a velhice não permite mais as ocupações que exigem vigor, agilidade e rapidez, mas permite acções para as quais são necessárias sabedoria, autoridade e valor de opiniões (Nicole, 1997). Os idosos são recusados, objecto de discriminação e conotados como crianças devido à sua impotência (fertilidade, sexualidade), não-independência e alheamento dos negócios da vida activa e/ou respeitados enquanto garante de conhecimento necessário ao grupo e depositários de memória colectiva. A terceira idade é ainda socialmente entendida como a idade das manias e de uma doce insanidade que suscita a compaixão (Urbain, 1997). Esta ambivalência é avultada por Simone de Beauvoir (1970, in Urbain, 1997) quando destaca as imagens sociais acerca do idoso, inválido, inútil, ele é também o intercessor, o mago, o sacerdote, aquém ou além da condição humana, e muitas vezes ambas as coisas ao mesmo tempo, variando igualmente essa atitude, sublinha a autora, consoante o idoso pertença às classes exploradoras ou exploradas.

Retrato sócio-demográfico

O desenvolvimento económico ocorrido nos séculos recentes trouxe consigo um decréscimo das taxas de mortalidade e natalidade justificado pela melhoria das condições de alimentação e cuidados de saúde prestados à população, factores a que assistimos igualmente em Portugal. A estrutura etária da população sofre então uma evolução no sentido de um envelhecimento progressivo que coloca às sociedades hodiernas problemas vários e complexos. Numa perspectiva funcional, este fenómeno traduz-se, entre outras coisas, pela maior procura de serviços de saúde, maior pressão sobre o sistema de Segurança Social (*pensões de reforma, velhice* e outras) e especialmente pelo facto de diminuir, pelo menos em termos relativos, a parcela da população capaz de produzir bens e serviços (a *força de trabalho*). Em última análise, é o próprio processo de substituição de gerações que, por via da

queda na natalidade, poderá vir a ser posto em causa (Pereira, sd). No entanto, trata-se antes de um dos desafios mais importantes do século XXI, uma vez que obriga à reflexão acerca de questões com relevância crescente como a idade da reforma, os meios de subsistência, a qualidade de vida dos idosos, o estatuto dos idosos na sociedade, a solidariedade intergeracional, a sustentabilidade dos sistemas de segurança social e de saúde e sobre o próprio modelo social vigente (INE, 2002).

De facto, a intensidade do envelhecimento, os aspectos que envolve, assim como os novos desafios e oportunidades que se deparam a uma sociedade cada vez mais constituída por pessoas idosas, tornam este tema sempre actual e exigem uma análise multidimensional, que contemple não só os aspectos sociais acima referidos, como também os aspectos individuais de foro mais psicológico (INE, 2002). Nesta ordem de ideias, as novas posições ligadas ao envelhecimento têm enfatizado a necessidade de substituição do modelo de ciclo de vida tradicional, dividido em três fases bastante distintas: educação, trabalho e reforma.

As questões que envolvem o envelhecimento e as pessoas idosas exigem uma reconceptualização, uma reforma da gestão da idade. O conceito de *envelhecimento activo*, criado pela Organização Mundial de Saúde, em 1997, que tem por base o princípio de permitir aos idosos que permaneçam integrados e motivados na vida laboral e social, parece ser uma solução encontrada, tornando-se indispensável difundir e implementar estas medidas. Desta feita é cada vez mais necessário adaptar a idade da reforma ao prolongamento da vida e da forma saudável dos indivíduos idosos, adaptar os postos de trabalho, modificando regras e práticas em matéria de emprego, assegurar modalidades de trabalho mais flexíveis, incluindo a passagem gradual para a reforma, maximizar as potencialidades dos idosos, melhorar os ambientes de trabalho para tornar uma vida activa mais longa e, entre outros, eliminar atitudes e práticas de discriminação de idosos. Por outro lado, uma sociedade constituída por pessoas mais velhas pode criar outras oportunidades em diversos domínios, novas actividades económicas e profissões, nomeadamente na área da prestação de serviços comunitários e de redes de solidariedade; ambientes e arquitectónicas diferentes; padrões de consumo específicos, produtos e serviços criados à imagem dos consumidores mais velhos com necessidades específicas (INE, 2002).

O limite cronológico para definir as pessoas idosas é sempre arbitrário e dificilmente traduz a dimensão biológica, física e psicológica da evolução do ser humano. A autonomia e o estado de saúde devem ser apreciados pois afectam os indivíduos com a mesma idade de maneira diferente. No entanto, a demarcação é necessária para a descrição comparativa e

internacional do envelhecimento (INE, 2002). Igualmente não consensual é a designação a atribuir às pessoas idosas. A Organização das Nações Unidas (O.N.U.) define como população idosa, aquela com 60 e mais anos, para posteriormente adoptar como idosa a população com 65 e mais anos, nos cálculos dos indicadores de dependência. Já no Conselho da Europa, o conceito de população idosa refere-se ao conjunto de sujeitos com 65 e mais anos, conceito este utilizado nos diversos indicadores demográficos. A Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (O.C.D.E.) segue também a mesma definição (INE, 1999). Os estudos elaborados pelo Instituto Nacional de Estatística, consideram pessoas idosas, homens e mulheres com idade igual ou superior a 65 anos, a qual está associada à idade da reforma (INE, 2002).

A Comissão das Comunidades Europeias refere em 1992 a necessidade de alteração do significado da expressão “terceira idade” devido à sua desadequação, em consequência do aumento da esperança de vida, propondo que esta corresponda apenas ao grupo dos 50-74 anos e uma nova designação de “quarta idade” para os 75 e mais anos. Quanto às designações, são utilizadas indiferentemente, *pessoas idosas* ou *com 65 e mais anos*, dado não existir nenhuma norma específica a nível nacional (INE, 2002). No presente trabalho consideram-se pessoas idosas os homens e as mulheres com idade igual ou superior a 65 anos, idade que em Portugal está associada à idade de reforma.

Em Portugal, nos últimos quarenta anos, a população idosa aumentou quase um milhão de indivíduos, sendo que em 1960 registaram-se 708 570 indivíduos, passando para o número de 1.702.170 indivíduos em 2001, dos quais 987.047 eram mulheres (INE, 2002). As previsões apontam para que o crescimento do número de idosos continue e ultrapasse o número de jovens até 2015 (INE, 1999). Atendendo às estimativas provisórias de população residente para 2003 (INE, 2004), existem em Portugal 1.377.057 pessoas com idades entre os 65 e os 80 anos e 384.339 com mais de 80 anos. Mais especificamente, em relação à Área da Grande Lisboa, temos que as estimativas provisórias para 2004, o número de idosos é de 335.825 (INE, 2005). Verifica-se uma superioridade numérica relativamente ao género feminino, facto que se deve à maior esperança de vida nas mulheres. A população idosa revela, de um modo geral, baixos níveis de instrução e, dentro desta, as mulheres registam níveis mais baixos que os homens (INE, 2002). Quanto à formação familiar, a maior parte da população idosa vive com o cônjuge, ainda que esta percentagem seja bastante superior nos homens (82,9% contra 54,8% nas mulheres), facto que não será alheio à sobremortalidade masculina e ao celibato definitivo feminino (INE, 1999).

A velhice é um período que se constitui na descoberta da significação da vida, com desenvolvimento de potencialidade individual. Mas também uma etapa que traz consigo a deterioração física e mental com perda das capacidades mnésicas, do raciocínio, da autonomia e um aumento da actividade fantasmática e da solidão. Isto influenciará a capacidade introspectiva do idoso (Neves, 1996). Nesta fase acontecem grandes transformações socio-familiares, como a experiência gratificante de ser avô/avó que assegura uma continuidade transgeracional, ou a viuvez, factor de isolamento e solidão. Os pensamentos sobre a morte ocupam um espaço central, intensificado pela morte das pessoas mais próximas. O processo de aceitação do passado é difícil, já que é necessário incorporar os fracassos, as crises e desilusões sem se ficar preso a um sentimento de inadequação (Neves, 1996). Refere Coelho (1996) que aqui decorrem duas correntes: uma do “chegar-a-ser”, a outra do “deixar-de-ser”.

Olievenstein (2000) dá-nos um retrato do envelhecer, do seu envelhecer, essa “viagem de dois rostos: um o da solidão, infinitamente mais doloroso do que o outro, o da relação com os demais (pp.19). Convivendo com os mais jovens, damos-nos a ilusão de uma certa imortalidade, de uma protecção contra a morte (pp.12). Os mais próximos de nós atenuam as angústias, mas eles também morrem. Enquanto os parentes estão vivos, as coisas não correm mal. Eles são os grandes protectores, quase imortais. Depois, por sua vez, eles desaparecem. Então, o que queríamos esconder de nós mesmos impõe-se com toda a evidência: a nossa desapareção é-nos enunciada. Seremos o próximo pela ordem lógica das gerações. Somos nós, daí em diante, os velhos (pp.13)”. Cada ser humano, ao surgir como existente, inaugura um mundo, cria-o e, morrendo, termina-o (Coelho, 1996). Para deixar-de-ser é preciso ter-sido, para morrer é preciso ter vivido, só sentindo, sofrendo, desejando, amando, lembrando e projectando, o idoso realiza um mundo que (ainda) é seu.

Resta olhar o envelhecimento e o idoso numa perspectiva que contempla o que aí há de constante/imutável – temporal e universalmente – *o ontem como hoje e em qualquer parte*, bem como atender às características peculiares e singelas do nosso tempo na forma como, entre nós, a velhice se define naquilo que são os papeis e estatutos desenhados pela sociedade contemporânea – *aqui e agora como nunca*. Igualmente impõe-se atender à natureza geral dos fenómenos que compõem a velhice sem desconsiderar a vivência particular da terceira idade – própria da singularidade do existir.

Referências

- Barros, J. (1999). Os Idosos vistos por eles mesmos: Variáveis Personológicas e Representação da Morte. *Psicologia, Educação e Cultura*, 3, 2, 323-343.
- Barros, J. (2002). Ansiedade face à morte: Uma abordagem diferencial. *Psychologica*, 31, 161-176.
- Coelho, B. T. (1996). O encontro com a morte. In *A escolha de si próprio: II encontro de antropologia fenomenológica e existencial*. Porto: Hospital do Conde de Ferreira.
- Costa, M. E. (1991). *Contextos sociais de vida e desenvolvimento da identidade*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Erikson, E. H. (1963). *Childhood and society*. New York: Norton.
- Erikson, E.H. (1968). *Identity: Youth and crises*. New York: Norton.
- Erikson, E. H. (1980). *Identity and the life cycle. Extended version*. New York: Norton.
- Erikson, E. H. (1997). *The life cycle completed*. New York: Norton.
- INE (1999). As Gerações Mais Idosas. *Série de Estudos, n° 83*. INE: Portugal.
- INE (2002). O envelhecimento em Portugal: Situação demográfica e socio-económica recente das pessoas idosas. *Revista de Estudos Demográficos*, 32, 187-207.
- INE (2004). *Estimativas provisórias da população residente, 2003, Portugal, NUTS II, NUTS III e Municípios*. INE: Portugal.
- INE (2005). *Estimativas provisórias da população residente, Intercensitárias, Portugal, NUTS II, NUTS III e Municípios, 2004*. INE: Portugal.
- Kastenbaum, R. (2000). Death anxiety. In G. Fink, (Ed.), *Encyclopedia of stress* (Vol.1, pp. 645-651). Arizona: Academic Press.
- Kubler-Ross, E. (1996). *Morte: estágio final (2ª ed.)*. Rio de Janeiro: Record. (Original publicado em 1975).
- Leff, L. D. (1999). Sentimento de imortalidade simbólica e a ansiedade perante a morte entre gerações. *Aletheia*, 9, 93-98.

- Neves, S. M. S. N. (1996). *O sentimento de imortalidade simbólica e a ansiedade perante a morte entre gerações* (Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Nicole, B. (1997). Velhice. In R. ROMANO (Ed.), *Enciclopédia Einaudi: Vida/morte* (Vol.36, pp. 152-165). Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Olievenstein, C. (2000). *A Arte de envelhecer*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Pereira, E. (sd). *População e demografia: Quantos somos? Como somos?* Lisboa: INE.
Available: www.ine.pt
- Proust, M. (2005). *Em busca do tempo perdido: O tempo reencontrado* (Vol. 7). Lisboa: Relógio d'Água.
- Urbain, J. D. (1997). Morte. In ROMANO, R. (Ed.), *Enciclopédia Einaudi: Vida/morte* (Vol.36, pp. 381-417). Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.